

# CONHECIMENTO DA LÍNGUA E DO SEU USO PELOS FALANTES DA COMUNIDADE AQUIDAUANENSE

Antonio Carlos Santana de Souza<sup>1</sup>  
Lidiane dos Reis Souza de Oliveira<sup>2</sup>

## RESUMO

Este estudo tem como objetivo apresentar e discutir variações existentes nas falas de moradores da cidade de Aquidauana/MS. Trata-se de uma pesquisa de campo e bibliográfica, já que as considerações são realizadas por meio de teorias da sociolinguística. Foi utilizado um questionário como meio de investigação. Quanto à abordagem, esta é de cunho qualitativo, uma vez que os resultados serão explanados e interpretados. Através desta pesquisa foi possível constatar variações, como também declarações pertinentes ao uso da língua portuguesa.

**Palavras-chave:** variações, Aquidauana-MS, Sociolinguística, língua portuguesa.

## Introdução

A língua como fenômeno social está intimamente relacionada a atitudes sociais dos falantes dentro de uma comunidade. O indivíduo, no início de sua vida, começa a adquirir a língua falada/usada pela comunidade. Dessa forma, aprende a falar da maneira que escuta. A fala, como se sabe, é a primeira forma adquirida pelo indivíduo e é responsável pelas variações e mudanças que se processam nos diversos níveis de uma língua, o que faz desta ser heterogênea, diversificada, o que se configura como um sistema de possibilidades. Numa mesma língua, um mesmo vocábulo pode ser

---

<sup>1</sup> Docente do PPGL-UEMS, Campo Grande/MS e do PROFLETRAS, Dourados/MS. Pós-Doutorando no Programa de Mestrado/Doutorado – UNEMAT/Cáceres. Doutor em Letras. E-mail: acssuems@gmail.com

<sup>2</sup>Aluna Especial do PPGL-UEMS, Campo Grande/MS. Graduada em Letras. E-mail: lidianereis2009@hotmail.com

pronunciado de formas diferentes, conforme a situação em que se está falando as diferenças de estratos sociais dentro de uma mesma comunidade.

E essa fala, os dialetos populares (variações linguísticas) são taxadas como “erradas” e consideradas “modalidades não regradas da língua”, que desvia da norma padrão/culto, o modelo considerado ideal.

Desse modo, a presente pesquisa tem como objetivo apresentar a situação de fala da comunidade de Aquidauana. Tal análise pretende verificar a presença de variações linguísticas das palavras, mortadela, duzentos gramas, mendigo, iogurte, lagartixa, na realização da fala no nível fonético-fonológico e morfológico.

Aquidauana, localizado no Estado de Mato Grosso do Sul, fica a 130 km da capital, faz divisa com a cidade de Anastácio. A comunidade de Aquidauana foi escolhida por ser uma cidade que reúne características peculiares tanto no aspecto geográfico quanto no aspecto regional, pois possui muitas fazendas, aldeias indígenas e distritos. Com isso, convivem falantes oriundos de diferentes comunidades adjacentes, dos povos indígenas, do homem pantaneiro, dos nordestinos e gaúchos, no qual, deve reunir todas as suas variantes.

Tal justificativa deve-se ao fato de que na situação de fala, constantemente observa-se variações linguísticas nas pronúncias de palavras que não são previstas na gramática tradicional, mas têm sido muito usadas pela maioria dos falantes hoje em dia, inclusive até mesmo pelos praticantes da norma culta, que, em determinados momentos, acabam utilizando as variações.

Os falantes das variações linguísticas desprestigiadas sofrem preconceitos por parte da minoria considerada adepta da norma padrão/culta. Como no caso de um empresário dono de uma panificadora no Rio de Janeiro, que divulgou uma “promoção<sup>3</sup>”, para os clientes que falam “duzentas gramas”, em que esses levariam uma gramática de brinde, assim para os que dizem “mortadela”, ele daria um dicionário, isso segundo a fonte, por estar “cansado” de ouvir os clientes falando dessa maneira resolveu “brinda-los”, para aprender a falar “correto”. E assim, estaria fazendo um “favor”, uma “ajuda” para seus clientes “aprender um pouco mais” a língua portuguesa.

Percebe-se um preconceito linguístico diante dos falantes das variações linguísticas, considerando a diferença linguística do outro como um “defeito” ou “erro”,

---

<sup>3</sup> Disponível no site < [sensacionalista.uol.com.br/2015/05/18/padaria-faz-promocao-cliente-que-pedir-duzentas-gramas-leva-gramatica-de-brinde](http://sensacionalista.uol.com.br/2015/05/18/padaria-faz-promocao-cliente-que-pedir-duzentas-gramas-leva-gramatica-de-brinde) >.

caracterizando o não “falar direito/ não saber falar”. Assim, desprestigiam o falar do indivíduo que pronuncia da maneira que ouve em sua comunidade.

Portanto, pareceu conveniente desenvolver um trabalho que apresente as variações linguísticas, na fala dos Aquidauanenses, sob o viés da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008), focalizando especialmente a variação fonético-fonológica e morfológica, correlacionando fatores extralinguísticos que possam condicionar as ocorrências.

Pois, é sabido que a língua é um fenômeno social, da qual está intimamente ligado a atitudes sociais dos falantes dentro de uma comunidade. E diversos fatores influenciam de alguma forma no processo da variação, como os fatores sociais, a idade, o nível econômico, o gênero/sexo, o nível de instrução/escolaridade, localidade. Sobre isso, Camacho ressalta:

Toda língua comporta variedades: (a) em função da identidade social do emissor; (b) em função da identidade social do receptor; (c) em função das condições sociais de produção discursiva (...). As variedades geográficas são o resultado direto da distância física entre os falantes; assim, pessoas que residem em lugares diferentes tendem a falar de modo diferente” (CAMACHO, 1988 *apud* CAMACHO, 2004, p. 39-40)<sup>4</sup>.

Pode-se afirmar, assim, que as variedades linguísticas constituem as variações que uma língua qualquer apresenta, em função da condição social, cultural, histórica e regional em que um indivíduo o utiliza.

Dado o fato, a pesquisa em questão foi conduzida por meio de uma abordagem qualitativa, já que se desejava saber, para fins interpretativos, as falas, pronúncia dos informantes. Dentre as possíveis situações de fala, nas seguintes: cinco imagens em que os informantes têm que dizer como se chama: mortadela, mendigo, iogurte, lagartixa.

Relativamente à finalidade da pesquisa, esta se caracteriza como descritiva e explicativa. No tocante ao meio de pesquisa, é bibliográfico, pois abordou variações linguísticas a partir de estudos teóricos; bem como de campo, já que apurou empiricamente tais variações.

Para tanto, foram essenciais instrumentos de coletas que possibilitassem tal checagem. Pensando nisso, foi elaborado um questionário com imagens, pois assim,

---

<sup>4</sup> Disponível: [http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/174227/mod\\_resource/content/1/01d17t03.pdf](http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/174227/mod_resource/content/1/01d17t03.pdf); acessado em 10/11/2015.

gera uma situação mais natural, nas quais os informantes não fiquem com receios em falar.

Esse questionário foi elaborado a partir da leitura da reportagem em que comentava sobre a “promoção” de gramática e dicionário, em que os clientes falavam “errado” “mortandela” e “duzentas gramas”. Com base nisso, passou-se a observar as falas das pessoas no supermercado a respeito de mortadela e a quantidade “duzentas ou trezentas gramas”.

O que pareceu conveniente fazer uma pesquisa a respeito disso, nesta comunidade e verificar se tanto homem ou mulher falam assim, ou se o grau de escolaridade difere, assim como a idade.

Para isso, a pesquisa foi realizada com quatro homens e quatro mulheres com idades entre 18 a 52, com escolaridade do ensino básico ao superior.

Pretendeu-se, por fim, com o levantamento de dados obtidos, estabelecer discussões a respeito das falas dos informantes objetivando a relação entre a variação no nível fonético e morfológico sob o viés dos fatores extralinguísticos.

## **Fundamentação teórica**

O capítulo que ora se inicia pretende apresentar o referencial teórico da presente pesquisa, que está estruturada em três tópicos.

O primeiro tópico trata da Sociolinguística e a comunidade linguística. Para tanto, pontua-se, primeiramente, sobre a Sociolinguística que tem como objeto de estudo a língua em situações reais de uso. Bem como da comunidade linguística, que diz respeito a conjunto de falantes que compartilha o mesmo ambiente de interação social, as mesmas características linguísticas.

No segundo tópico, dá-se atenção às variedades, variações linguísticas e os tipos de variações. E por fim, o preconceito linguístico diante dos falantes das variedades linguísticas.

## **Sociolinguística e comunidade linguística**

Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Labov destaca-se por ser o principal formulador da teoria sociolinguística na qual busca entender a língua em seu

contexto social, estabelecendo relações entre contextos sociais e fenômenos linguísticos. Labov (2008, p. 21) afirma: “Não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre”.

Dessa forma, a Sociolinguística se ocupa da relação entre língua e sociedade e do estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social da comunidade de fala. Assim, língua/linguagem e sociedade são extremamente interligadas.

Nesta perspectiva, a comunidade linguística consiste no conjunto de falantes que usam uma mesma língua (sem necessariamente ser a língua materna de todos) ou um mesmo dialeto (variedades) para comunicarem entre si.

Na compreensão de Labov sobre comunidade de fala (2008, p. 120)<sup>5</sup>, afirma que uma comunidade de fala é aquela que compartilha normas e ‘atitudes’ sociais perante uma língua ou variedade linguística.

Sobre isso, Hymes (1972, *apud* SEVERO, 2008 s.p.)<sup>6</sup> salienta que o conceito de comunidade de fala está ligado a pessoas que compartilham regras de conduta e interpretação de fala de, pelo menos, uma variedade linguística.

Os membros de uma mesma comunidade são integrados quanto ao uso da fala, às normas e aos valores compartilhados.

### **Variedade e variação linguística**

Como já vimos, a língua falada por qualquer comunidade sofre variações. E toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar. A essas diferentes maneiras de falar, a Sociolinguística reserva o nome de variedades linguísticas.

Como esclarece Tarallo (2005, p. 8):

Em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação. A essas formas de variação dá-se o nome de "variantes". "Variantes linguísticas" são, diversas maneiras de se dizer a mesma

---

<sup>5</sup> Disponível também no *site* <[http://www.academia.edu/944271/A\\_comunidade\\_de\\_fala\\_na\\_sociolingu%C3%ADstica\\_laboviana\\_algumas\\_reflex%C3%B5es](http://www.academia.edu/944271/A_comunidade_de_fala_na_sociolingu%C3%ADstica_laboviana_algumas_reflex%C3%B5es)>

<sup>6</sup> Disponível também no *site* <[http://www.academia.edu/944271/A\\_comunidade\\_de\\_fala\\_na\\_sociolingu%C3%ADstica\\_laboviana\\_algumas\\_reflex%C3%B5es](http://www.academia.edu/944271/A_comunidade_de_fala_na_sociolingu%C3%ADstica_laboviana_algumas_reflex%C3%B5es)>

coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística.

E essas mudanças no uso da língua ocorrem porque a sociedade não é uniforme e por ser um fenômeno natural. A língua, em sua manifestação real de comunicação, traz consigo marcas identitárias, pessoais, características socioculturais daqueles que a falam. São tipos de variações:

- variação diatópica – ou variação regional, os modos de falar de lugares diferentes;
- variação diastrática – a que se verifica através da comparação entre os modos de falar de diferentes classes sociais;
- variação diamésica – a que se verifica entre os gêneros diferentes;
- variação diafásica – a que se verifica entre os modos de falar de um indivíduo; variação diacrônica – a que se investiga ao se comparar uma língua em diferentes etapas da história.

É importante destacar também que além de ser condicionada pelos fatores de ordem social, a variação linguística recobre todos os níveis da língua (fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical, estilístico-pragmático).

E os fatores extralinguísticos, como a origem geográfica; status socioeconômico; grau de escolarização; idade; sexo; mercado de trabalho e redes sociais. Mas o trabalho em questão vai focar em três fatores, sexo, escolaridade e idade.

### **Preconceito linguístico**

Essa ideia de que as variações linguísticas são “corretas” e “incorretas”, “melhores” e “piores”, é fruto de avaliações e julgamentos exclusivamente socioculturais, e geralmente parte de cima para baixo, ou seja, das camadas dominantes econômica e culturalmente para as camadas dominadas. Ainda, que um determinado grupo de classe social tenha privilegiado a norma padrão como uma de suas variantes, as outras variedades continuaram existindo, como argumenta Barbosa (2008, p. 39).

E dizer que tal pessoa ou tal grupo é ignorante porque fala de uma forma e não de outra é apenas mais um mecanismo de afirmação e de perpetuação desse preconceito, que se manifesta como preconceito linguístico, mas que nunca deixou de ser social.

Sobre isso, Possenti (2010, p. 28) salienta que “quanto menos valor (isto é, prestígio) têm os falantes na escala social, menos valor tem o dialeto que falam”. Assim, os falantes das variedades linguísticas desprestigiadas sofrem preconceitos por parte da minoria considerada adepta da norma padrão. Mesmo por parte dos próprios falantes que julgam o seu falar em relação ao dos outros e acabam considerando a variação linguística do outro como um “defeito” ou “erro”, caracterizando-o não “falar direito/não saber falar”.

Essa mesma ideia acerca de preconceito linguístico é trazida por Coelho (1998, *apud* Bagno, 2011)

[...] o nordestino do Submédio São Francisco que foi para São Paulo, [...] e manteve contato com falantes paulistas, ao regressar à sua terra manifesta atitudes negativas em relação ao seu próprio falar (culturalmente estigmatizado) e positivas em relação ao falar paulista (culturalmente prestigiada) [...] (BAGNO, 1998, p. 36).

Segundo Tarallo (1997, p. 11)<sup>7</sup> "As variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão vs não-padrão; conservadoras vs inovadora; de prestígio vs estigmatizadas. Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado são aquelas quase sempre não-padrão e estigmatizada pelos membros da comunidade".

Sobre isso, Neves (2011, p. 35), salienta que a “linguagem certa” não são valorizadas apenas por um determinado grupo de classe social, no qual privilegiam a norma-padrão, mas pelo povo que se deslumbra com a ‘boa linguagem’ também.

Fica claro, assim, a existência do preconceito linguístico, apesar de ser comprovada, do ponto científico, que não existe erro em língua e sim variação e mudança. E que a língua denuncia em grande medida quem somos: a região de onde viemos, idade, nossa inserção na cultura dominante (através do grau em que dominamos a variedade padrão), nossas atitudes em relação a determinados grupos.

## Metodologia

---

<sup>7</sup> Disponível no site <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8375/1/Maria%20do%20Carmo%20Sa%20Teles%20Araujo%20Rolo.pdf>>

Esta seção é a explicação minuciosa, detalhada, de todo o processo metodológico da pesquisa.

A abordagem da pesquisa foi qualitativa. De acordo com Lankshear e Knobel (2008), uma pesquisa qualitativa e interpretativa se define como discussão e interpretação das investigações, dos dados obtidos num determinado contexto e comunidade (moradores de Aquidauana) na qual se realiza a investigação.

No que tange à finalidade da pesquisa, esta se caracteriza como descritiva e explicativa. Descritiva, porque visa descrever a fala dos informantes. E explicativa para explicar o motivo, a razão dessas variações.

Quanto aos meios, a pesquisa, conforme exposto, foi bibliográfica e de campo. Bibliográfica, pois abordou material de vários autores, enfocando principalmente temas ligados a sociolinguística; bem como de campo, já que apurou empiricamente tais fatos e usos.

O universo da pesquisa de campo foi no bairro Santa Terezinha, na cidade de Aquidauana, Mato Grosso do Sul.

A escolha dos informantes deu-se da seguinte maneira:

Quatro homens, com idade de 18 a 56 anos e escolaridade do ensino fundamental ao ensino superior. E quatro mulheres, com idade de 18 a 39 anos e escolaridade do ensino fundamental ao ensino superior.

Delimitou-se esse quantitativo porque, como mencionado, trata-se de uma pesquisa qualitativa de interpretações sem considerar quantitativos. Costuma ser morosa, levando algum tempo para ser realizada, por motivos da escolha dos informantes que nem sempre aceitavam participar da pesquisa alegando falta de tempo e receios.

Com base nisso, foram observadas as falas das pessoas no supermercado a respeito de mortadela e a quantidade “duzentas ou trezentas gramas”. Além da coleta dos dados que foi realizada por intermédio de um questionário composto por cinco imagens em que o informante teria que falar os nomes dos objetos, que foram gravadas em áudio, para transcrições das falas.

As discussões serão realizadas a partir do material coletado, bem como algumas observações extras que surgiram no momento da entrevista que se acredita ser relevante à explanação.

## Resultados e discussões

Para iniciar as análises, primeiramente, foram transcritas em tabelas para melhor visualização das falas. Passa-se a analisar, então, as questões, que foram elaboradas a partir de algumas palavras em que muitas pessoas pronunciavam ultimamente.

A primeira questão solicitava ao informante dizer se foi “ao/ ou no mercado”. Observe a figura abaixo<sup>8</sup>:



Supomos que isso aconteceu ontem com você. E que você esteja contando a alguém sobre onde a foi ontem, como você diria? **Fui ao/ ou no mercado.**

Entrevistados	Gênero	Idade	Escolaridade	Resposta
<b>Entrevistado 1</b>	Mulher	21	Ensino Fundamental Incompleto	“Fui ao supermercado”
<b>Entrevistado 2</b>	Mulher	46	Ensino Médio Incompleto	“Fui no mercado”
<b>Entrevistado 3</b>	Mulher	34	Ensino Médio Completo	“Fui ao supermercado”
<b>Entrevistado 4</b>	Mulher	39	Ensino Superior	“Eu fui ao mercado”
<b>Entrevistado 5</b>	Homem	21	Ensino Fundamental Incompleto	“Fui ao

<sup>8</sup> Disponível no *site* <<https://www.google.com.br/search?q=imagens+de+supermercado&biw=1024&bih=643&tbn=isch&tbo=u&source>>

				supermercado”
<b>Entrevistado 6</b>	Homem	18	Ensino Médio Completo	“Fui ao mercado”
<b>Entrevistado 7</b>	Homem	18	Ensino Médio Completo	“Fui ao supermercado”
<b>Entrevistado 8</b>	Homem	52	Ensino Superior	“Fui ao supermercado”

A partir destas respostas, analisadas pelo nível morfológico, identificou-se apenas uma ocorrência de “desvio” à norma padrão e que coincide com algumas postulações a respeito da “detenção” da variante prestigiada pelos gramáticos. A informante que respondeu “no mercado” ao invés de “ao mercado” possui o ensino fundamental incompleto, o que sugere uma provável relação entre a resposta e o seu grau de escolaridade.

A segunda questão solicitava a pronúncia da palavra da imagem abaixo, como se fosse pedir em quantidades equivalente a gramas. “duzentos gramas de mortadela”. E será analisada pelo nível morfológico e fonológico:



Entrevistados	Gênero	Idade	Escolaridade	Resposta
<b>Entrevistado 1</b>	Mulher	21	Ensino Fundamental Incompleto	“Duzentas gramas de mortadela” [mortadɛɫɐ]
<b>Entrevistado 2</b>	Mulher	46	Ensino Médio Incompleto	“Duzentas gramas de mortandela” [mortãdɛɫɐ]
<b>Entrevistado 3</b>	Mulher	34	Ensino Médio Completo	“Duzentas gramas de mortadela” [mortadɛɫɐ]
<b>Entrevistado 4</b>	Mulher	39	Ensino	“Duzentas gramas de

<sup>9</sup> Disponível no site <<https://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://cdn1.mundodastribos.com/450918-omelete-de-mortadela-3.jpg&>>

			Superior	Mortandela/ mortadela” [mortãdɛlɐ]/[mortadɛlɐ]
<b>Entrevistado 5</b>	Homem	21	Ensino Fundamental Incompleto	“Duzentas gramas de Mortandela” [mortãdɛlɐ]
<b>Entrevistado 6</b>	Homem	18	Ensino Médio Completo	“Duzentos gramas de mortandela”/ mortadela /[mortãdɛlɐ]/ [mortadɛlɐ]
<b>Entrevistado 7</b>	Homem	18	Ensino Médio Completo	Duzentas gramas de Mortandela”/ [mortãdɛlɐ]
<b>Entrevistado 8</b>	Homem	52	Ensino Superior	Duzentos gramas de mortadela/ [mortadɛlɐ]

No que diz respeito a esta questão, conforme as respostas obtidas é possível destacar a maior ocorrência de “duzentas gramas”, ao invés de “duzentos gramas”. Apenas dois informantes utilizaram a variante prescrita pela norma, o primeiro com ensino médio completo e o outro com ensino superior completo.

Mesmo que esta pesquisa não seja de viés quantitativo, é possível perceber o quanto a variação se sobrepõe à regra neste caso, e que até um graduado utilizou a primeira ocorrência citada, “duzentas”. O que se pode entender aqui é que o falante, sem se preocupar com “certo” e “errado”, automaticamente faz a relação com o gênero da palavra seguinte “gramas” que não diz respeito a substantivo, mas sim a peso.

Em relação à segunda palavra analisada “mortadela” apenas 3 informantes pronunciaram da maneira supracitada. O restante acrescentou um som nasal “ã” proferindo então “mortandela”.

É necessário destacar que dentre estes, alguns ficaram em dúvida entre “mortandela” e “mortadela”, como o informante 3 que disse: *“agora me confundi” mortandela? Não mortadela, é mortadela*”. O informante ficava pronunciando várias vezes mortadela.

Isso denota certo conhecimento por parte do entrevistado no que concerne à gramática que entra em contraste com o real uso da língua no cotidiano deste falante.

Por fim, acredita-se ser relevante ressaltar que o informante que respondeu de acordo com o que é postulado pela norma padrão possui ensino superior.

Diante do que foi exposto nessa questão, percebe-se que ocorreu mais variação no nível morfológico, do que no nível fonético.

A terceira questão solicitava a pronúncia da palavra da imagem abaixo “Mendigo”<sup>10</sup>.



Entrevistados	Gênero	Idade	Escolaridade	Resposta
Entrevistado 1	Mulher	21	Ensino Fundamental Incompleto	Mendigo]/[mẽidigo]/
Entrevistado 2	Mulher	46	Ensino Médio Incompleto	Mendigo]/[mẽidigo]/
Entrevistado 3	Mulher	34	Ensino Médio Completo	Mendigo / [mẽidigo]/
Entrevistado 4	Mulher	39	Ensino Superior	Mendigo/[mẽidigo]/
Entrevistado 5	Homem	21	Ensino Fundamental Incompleto	Mendigo/[mẽidigo]/
Entrevistado 6	Homem	18	Ensino Médio Completo	Mendigo/[mẽidigo]/
Entrevistado 7	Homem	18	Ensino Médio Completo	Mendigo]/[mẽidigo]/
Entrevistado 8	Homem	52	Ensino Superior	Mendigo]/[mẽidigo]/

Nesta questão não houve ocorrência de variação em relação à pronúncia do termo sugerido, pelos informantes.

<sup>10</sup> Disponível no site <<https://www.google.com.br/search?q=imagens+de+mendigo&biw=1024&bih=643&tbn=isch&tbo=u&source=univ>>

A quarta questão solicitava a pronúncia da palavra da imagem abaixo “lagartixa”<sup>11</sup>.



Entrevistados	Gênero	Idade	Escolaridade	Resposta
<b>Entrevistado 1</b>	Mulher	21	Ensino Fundamental Incompleto	Largatixa/ [largatʃiʃa]
<b>Entrevistado 2</b>	Mulher	46	Ensino Médio Incompleto	Largatixa/ [largatʃiʃa]
<b>Entrevistado 3</b>	Mulher	34	Ensino Médio Completo	Largatixa/ [largatʃiʃa]
<b>Entrevistado 4</b>	Mulher	39	Ensino Superior	Largatixa /[largatʃiʃa]
<b>Entrevistado 5</b>	Homem	21	Ensino Fundamental Incompleto	Largatixa /[largatʃiʃa]
<b>Entrevistado 6</b>	Homem	18	Ensino Médio Completo	Lagartixa/ [lagartʃiʃa]
<b>Entrevistado 7</b>	Homem	18	Ensino Médio Completo	Largatixa /[largatʃiʃa]

<sup>11</sup> Disponível no site <<https://www.google.com.br/search?q=imagens+de+lagartixa&biw=1024&bih=643&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&sqi=2&ved=0ahUKEwiMqM>>

<b>Entrevistado 8</b>	Homem	52	Ensino Superior	Largatixa/ [largatʃiʃa]
-----------------------	-------	----	-----------------	----------------------------

Nesse exercício, mais uma ocasião na qual a variação se impõe à regra. Todos os informantes com exceção de um proferiram “largatixa” ao invés de “lagartixa”. E a dúvida atingiu até o entrevistado 8 portador de ensino superior que se expressou: “*puxa e agora é lagartixa ou largatixa? Pegue o dicionário...*”

**A quinta questão solicitava a pronúncia da palavra abaixo “Iogurte”<sup>12</sup>.**



<b>Entrevistados</b>	<b>Gênero</b>	<b>Idade</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Resposta</b>
<b>Entrevistado 1</b>	Mulher	21	Ensino Fundamental Incompleto	Iogurte/ [iogurtʃi]
<b>Entrevistado 2</b>	Mulher	46	Ensino Médio Incompleto	Iogurte/ [iogurtʃi]
<b>Entrevistado 3</b>	Mulher	34	Ensino Médio Completo	Iogurte/ [iogurtʃi]
<b>Entrevistado 4</b>	Mulher	39	Ensino Superior	Iogurte/ [iogurtʃi]
<b>Entrevistado 5</b>	Homem	21	Ensino	Iorgute / [iorgutʃi]

<sup>12</sup> Disponível no *site* <<https://www.google.com.br/search?q=imagens+de+iogurte&biw=1024&bih=643&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&sqi=2&ved=0ahUKEwjErKHB5ebJAhVEFZAKHa9FDbMQsAQIGw#imgrc=A97NT06qYIwhtM%3A>>

			Fundamental Incompleto	
<b>Entrevistado 6</b>	Homem	18	Ensino Médio Completo	Iorgute/iogurte [iorgutʃi]/ [iogurtʃi]/
<b>Entrevistado 7</b>	Homem	18	Ensino Médio Completo	Iorgute/ [iorgutʃi]
<b>Entrevistado 8</b>	Homem	52	Ensino Superior	Iogurte/[iogurtʃi]/

Nesta ocasião somente 3 entrevistados inverteram o “r” na pronúncia de “iogurte” e pronunciaram “iorgute”. Aponta-se, ainda, que o maior grau de escolaridade dentre estes entrevistados é o ensino médio.

### Considerações finais

A partir dos dados angariados pela pesquisa, é perceptível a reflexão dos informantes quanto ao uso de suas falas em relação ao tradicionalismo da variante padrão/culto. Mas, é notória a constatação de algumas variações existentes na fala dos moradores de Aquidauana/MS. E, foi possível observar a preocupação dos informantes em falar “certo” quando se trata de uma pesquisa, o que denota, mesmo que haja tentativa de naturalidade, há certa formalidade captada pelo falante.

Tanto que muitos se sentiam constrangidos e afirmavam que sabiam que falavam “errados”, ou “não sei português”. Para ilustrar esse fato, observa-se a fala do sexto entrevistado “[...] *Eu não sei português é tudo no truque*”. Um mito desconstruído por Bagno em “Preconceito linguístico: o que é e como se faz?”, mas como o próprio autor afirma:

E essa história de dizer que “brasileiro não sabe português” e que “só em Portugal se fala bem português”? Trata-se de uma grande bobagem, infelizmente transmitida de geração a geração pelo ensino tradicional da gramática na escola. (BAGNO, 1999, p. 26)

Como mencionado pelo autor, essa concepção percorre os ensinamentos de língua materna e cristaliza a versão “endeusada” da norma padrão/culta estabelecendo claramente o “certo” e o “errado” em relação ao uso da língua portuguesa.

Novamente citando o sexto entrevistado, no momento dele falar sobre a imagem “lagartixa”, ele simplesmente pulou, com certo receio de pronunciar a palavra “errada”. Depois de certo momento, ele ficava pronunciando “largatixa ou lagartixa” “ah, “*jacaré albino*”. O mesmo ocorreu com outros informantes, principalmente nas questões da pronúncia da lagartixa, mortadela e iogurte, a maioria riam, falavam “*e agora?, como que é mesmo?*”.

Percebe-se, que a maioria destes informantes tanto os de escolaridade do nível fundamental a do superior carregam alguns vestígios do suposto ensino que teve durante muitos anos na escola do “certo ou errado”.

Outra justificativa, seria o fato de alguns dos informantes monitorarem suas falas, como estavam diante de uma pesquisa, eles se preocupavam com a fala nessa situação. Trazendo essa situação para o campo da Sociolinguística trata-se da variação estilística, que se refere às diferentes circunstâncias de comunicação em que se coloca um mesmo indivíduo: o ambiente em que se encontra (familiar ou profissional, por exemplo) o tipo de assunto tratado e quem são os receptores.

E sobre isso ainda, Bortoni-Ricardo (2004) ressalta como monitoração de estilo, em que o falante vai se monitorar pelo o ambiente, o interlocutor e o tópico da conversa. Então, conforme a situação, o falante pode alternar entre estilos monitorados, que exigem mais atenção e planejamento, e estilos não monitorados, que requerem menos formalidade. Cada uma das situações exigirá do falante um controle, uma atenção e um maior planejamento, maior ou menor, do seu comportamento verbal.

Também foi possível notar que os informantes em algumas respostas utilizaram do processo que na Sociolinguística chama de hipercorreção. Trata-se de um “excesso de correção”, pois as pessoas, alertadas sobre um tipo de erro, ficam tão preocupadas em não errar.

Gnerre (1998, *apud* AZAMBUJA, 2010, p. 3181)<sup>13</sup> comunga com essa ideia, ao argumentar que “alguns níveis sociais, especialmente dentro da chamada burguesia, têm a tendência à hipercorreção no esforço de alcançar a norma reconhecida”.

Percebe-se esse fato na maioria das respostas dos entrevistados, mas o mais evidente foi o do oitavo entrevistado, portador de ensino superior que se expressou: “*puxa e agora é lagartixa ou largatixa? Pegue o dicionário...*”

---

<sup>13</sup> Disponível no site < <http://docplayer.com.br/16374245-Refletindo-sobre-a-producao-da-hipercorrecao-em-textos-de-alunos-de-pos-graduacao.html>>

Posto isso, é possível ver que na comunidade Aquidauanense, assim como em qualquer outra comunidade é constante as variações linguísticas, sendo no nível fonético e morfológico, assim como em relação aos fatores extralinguísticos, homem ou mulher, de nível de escolaridade superior ou médio, de uma forma ou outra apresenta em sua fala variação.

Em geral, nota se um grande receio, julgamento por parte dos falantes Aquidauanense em relação sua fala, do estereótipo da fala correta é a de acordo com a variante padrão/culta. Arraigado preconceito linguístico, cumpre o papel de distribuições das crenças. E, infelizmente, essa crença ainda existe, apesar de ser comprovada, do ponto científico, que não existe erro em língua e sim variação e mudança.

## Referências

AZAMBUJA, Elizete Beatriz. Refletindo sobre a produção da 'hipercorreção' em textos de alunos de pós-graduação. *Cadernos do CNLF*, Vol. XIV, Nº 4, t. 4, 2010. p. 3181

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2011.

BARBOSA, Afranio Gonçalves. Saberes gramaticais na escola. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueredo (Orgs.) *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 39.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na escola*. São Paulo: Parábola, 2004.

CALVET, L. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. *Norma culta e variedades linguísticas*. Disponível em: [https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/174227/mod\\_resource/content/1/01d17t03.pdf](https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/174227/mod_resource/content/1/01d17t03.pdf). Acessado em: 10/11/2015.

HYMES, Dell. On communicative competence. In: PRIDE, J. B.; HYMES, J. (Ogs.) *Sociolinguistics: selected readings*. Harmondsworth, England: Penguin, 1972.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. *Pesquisa pedagógica: do projeto à implementação*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Que gramática estudar na escola?* Norma e uso na Língua Portuguesa. São Paulo: Contexto, 2011.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2010.

SEVERO, Cristine Gorski. A comunidade de fala na sociolinguística laboviana: algumas reflexões. *Revista Voz das Letras*. Concórdia, Santa Catarina, Universidade do Contestado, Número 9, I Semestre de 2008. Disponível em: [https://www.academia.edu/944271/A\\_comunidade\\_de\\_fala\\_na\\_sociolinguística\\_laboviana\\_algumas\\_reflexões](https://www.academia.edu/944271/A_comunidade_de_fala_na_sociolinguística_laboviana_algumas_reflexões). Acessado em: 10/11/2015.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 7 ed. São Paulo: Ática, 2005.

### **Sites:**

[http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/174227/mod\\_resource/content/1/01d17t03.pdf](http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/174227/mod_resource/content/1/01d17t03.pdf) Camacho. Acesso em: 09/12/15, às 22h40.

<http://sensacionalista.uol.com.br/2015/05/18/padaria-faz-promocao-cliente-que-pedir-duzentas-gramas-leva-gramatica-de-brinde/>. Acesso em: 09/12/15, às 22h40.

[http://www.academia.edu/944271/A\\_comunidade\\_de\\_fala\\_na\\_sociolingu%C3%ADstica\\_a\\_laboviana\\_algumas\\_reflex%C3%B5es](http://www.academia.edu/944271/A_comunidade_de_fala_na_sociolingu%C3%ADstica_a_laboviana_algumas_reflex%C3%B5es). Acesso em: 09/12/15, às 22h40.

<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/28880>. Acesso em: 09/12/15, às 22h40.

<https://escrevivencia.files.wordpress.com/2014/03/marcos-bagno-preconceito-lingu%C3%ADstico.pdf>. Acesso em: 09/12/15, às 22h40.

<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8375/1/Maria%20do%20Carmo%20Sa%20Teles%20Araujo%20Rolo.pdf>. Acesso em: 09/12/15, às 22h40.

### **Imagens:**

<https://www.google.com.br/search?q=imagens+de+supermercado&biw=1024&bih=643&tbn=isch&tbo=u&source>

<https://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://cdn1.mundodistribos.com/450918-omelete-de-mortadela-3.jpg&>

[https://www.google.com.br/search?q=imagens+de+lagartixa&biw=1024&bih=643&tbn=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&sqi=2&ved=0ahUKEwiMqM-z5ebJAhWHS5AKHZN\\_CMMQsAQIGw#imgsrc=13YqAL0JA3VCCM%3A](https://www.google.com.br/search?q=imagens+de+lagartixa&biw=1024&bih=643&tbn=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&sqi=2&ved=0ahUKEwiMqM-z5ebJAhWHS5AKHZN_CMMQsAQIGw#imgsrc=13YqAL0JA3VCCM%3A)

<https://www.google.com.br/search?q=imagens+de+mendigo&biw=1024&bih=643&tbn=isch&tbo=u&source=univ>

<https://www.google.com.br/search?q=imagens+de+iogurte&biw=1024&bih=643&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&sqi=2&ved=0ahUKEwjErKHB5ebJAhVEFZAKHa9FDbMQsAQIGw#imgrc=A97NT06qYIwhtM%3A>

## **LANGUAGE KNOWLEDGE AND ITS USE BY COMMUNITY SPEAKER AQUIDAUANENSE**

### **ABSTRACT**

This study aims to present and discuss existing variations in the statements of residents of Aquidauana/MS. This is a field research and literature, since considerations are conducted through theories of sociolinguistics. A questionnaire was used as a means of research. As for the approach, this is a qualitative approach, since the results will be explained and interpreted. Through this research we determined variations, as well as relevant statements to the use of the Portuguese language.

**Keywords:** variations, Aquidauana-MS, Sociolinguistics, portuguese language.

Recebido em 11/06/2016.

Aprovado em 02/08/2016.